



DAS FLORES ÀS BAOBÁS: A EFEMERIDADE DO TEATRO E DAS REDES SOCIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Michel Silva Guimarães¹
Mariáh Gabriella Castilho Galvão²

RESUMO:

O presente ensaio objetiva refletir sobre produções artísticas, com ênfase no teatro, sobretudo com a experiência do “Grupo Culturart”, realizadas no período de pandemia da Covid-19. Reflete-se sobre as lives e suas publicações nas redes sociais, bem como sobre a efemeridade de nossas relações nesse contexto. Dada a atuação infanto-juvenil do “Culturart”, toma-se como guias imagéticos os clássicos infanto-juvenis O Pequeno Príncipe ([1943] 2009), de Saint-Exupéry, e O Pequeno Príncipe Preto (2020), de Rodrigo França. Traz-se, como escopo teórico, a teoria de Zygmunt Bauman (2001; 2016; 2021) sobre a modernidade e as relações líquidas. Esse ensaio, apresentado à guisa de contação de histórias, constrói-se nas incertezas, assim como os momentos que estamos vivenciando. Como resultados, obtêm-se estratégias para amenizar a efemeridade das redes, reconstruir laços e plantar sementes para prática teatral.

Palavras-chave: Teleteatro; Redes Sociais; Efemeridade; Pandemia.

ABSTRACT:

This essay aims to reflect on artistic productions, with an emphasis on theatre, especially with the experience of the “Culturart Group” (Grupo Culturart), carried out during the Covid-19 pandemic. We reflect on the group’s live streams and posts on social media, as well as on the ephemeral nature of our relationships in this context. Given the children's role of “Culturart”, the children's classics O Pequeno Príncipe (The Little Prince) ([1943] 2009) by Saint-Exupéry and O Pequeno Príncipe Preto (The Little Black Prince) (2020) by Rodrigo França are used as image guides. As theoretical scope, we rely on Zygmunt Bauman’s reflections on modernity and liquid relations (2001; 2016; 2021). This essay, presented by way of storytelling, is built on uncertainties, just as the moments we are experiencing. As a result, strategies are obtained to alleviate the ephemerality of networks, rebuild ties and plant seeds for theatrical practice.

Keywords: Teletheater; Social networks; Ephemerality; Pandemic.

Às crianças do Culturart, príncipes e princesas virtuais.

-
1. Doutor e Mestre em Literatura e Cultura (UFBA/2015). E-mail: platiny8@yahoo.com.br
 2. Graduanda do curso de Teatro na Universidade do Estado da Bahia. Atriz do Grupo Culturart (Campo Formoso-BA). E-mail: mariahcastilho25@gmail.com

Recebido em 02/07/21. Aprovado em 19/09/21



INTRODUÇÃO

Como é sabido, a literatura infanto-juvenil é uma das peças na formação do imaginário da criança e do adolescente, geralmente, transmite de forma lúdica valores éticos e morais. Embora foque nas estratégias de fruição, a literatura infanto-juvenil nunca abandona totalmente o didatismo, característica comum em todas as obras direcionadas a esse grupo de leitores.

Dentro da literatura infanto-juvenil, os contos de fada, geralmente caracterizados pela presença do elemento fantástico, acionando mais fortemente a imaginação, são as obras mais célebres: presentes no cinema, no teatro, na televisão, na publicidade, excedendo, em muito, seus gêneros originais, a literatura oral e, posteriormente, sua organização em contos selecionados.

Contudo, sua divulgação via literatura ainda é forte, há no gênero verdadeiros clássicos lidos por crianças, adolescentes e adultos. Dentre esses, não há como não destacar *O pequeno príncipe* (1943), de Saint-Exupéry. Clássico contemporâneo, dado sua primeira publicação ser historicamente ainda recente, é o livro de cabeceira das *misses*, tem pequenos excertos seus publicados em redes sociais, e, claro, é lido com e pelas crianças.

A obra francesa tem foco nas aventuras interplanetárias de um príncipe e as relações que ele estabelece com as criaturas encontradas pelo caminho. Como uma fábula moderna, a flora e a fauna dos planetas visitados interagem com o Príncipezinho levando os pequenos e grandes leitores a complexas reflexões, como as discussões sobre o cativante e sobre o efêmero.

No terreno filosófico fabulado por Saint-Exupéry, a obra de Rodrigo França, *O pequeno príncipe preto* (2020), é uma semente de baobá que se arvora como luta antirracista. Em sua clara intertextualidade com a obra do francês Saint-Exupéry, reivindica seu potencial de clássico. A rápida adesão que teve do público, demonstrada pelo recorde de vendas, comprova esse potencial. A obra traz valores importantes da cultura negra, como a ancestralidade, e toca de forma sensível em temas delicados, como o racismo sofrido na infância.

Publicada primeiro em uma antologia de dramaturgia negra (2018), a peça é um trabalho autoral de França como ator, diretor e dramaturgo. Como já mencionado, arvora-se como um clássico infantil da negritude, com sua forte raiz, seu frondoso troco, seus diversos galhos, suas sementes e sua flor bela e singular, todos a serviço da luta antirracista.



O encontro dessas duas obras neste ensaio, que escrevemos à guisa de contação de histórias, serve-nos em suas dimensões didática e lúdica na narração da pandemia e um de seus principais danos colaterais, a compulsoriedade das redes sociais – nas chamadas *lives* – para manutenção da sobrevivência material dos profissionais, do palco e da formação do público.

Profissionais, palco e público são as três personagens protagonistas dessa contação. Suas estratégias de sobrevivência à pandemia, adaptação às *lives* e reflexão sobre a modernidade líquida são as principais peripécias elencadas para manter a tensão do texto. Propomos, após o nó, não um desenlace; como é comum na causalidade aristotélica, mas um (re)enlace, na difícil retomada da formação de laços entre as personagens na modernidade.

O MAR DE IDEIAS

A pandemia da Covid-19, causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), faz a humanidade enfrentar a maior crise sanitária vivenciada nos últimos 100 anos. Diferente do ano de 1918, data do início da pandemia da Gripe Espanhola, hoje temos um avanço na tecnologia que permite a muitas atividades continuarem sendo executadas por meios virtuais – trabalho e estudo remotos, teleteatro – , atendendo, assim, as regras de distanciamento social para auxiliar no combate dos crescentes casos de Covid-19.

Mas como essas novas tecnologias influenciam nessas áreas, principalmente no campo das artes e nesse fluxo de produções artísticas desenvolvida na época da pandemia? A efemeridade das relações humanas, trazida pela modernidade, agora é ampliada pela distância dos corpos e a proximidade das telas.

O teleteatro apresenta novas perspectivas e novas maneiras de criar e divulgar os trabalhos das artes cênicas, não se contenta apenas em gravar um espetáculo, mas em pensá-lo para o formato remoto, de forma que a performance interaja tanto com os espectadores quanto com o canal. Todavia, quais os riscos e os benefícios de utilizar as redes sociais como meio de viabilizar nossas produções nesse momento?

O teatro é uma arte efêmera em sua essência, não se repete, plasmando-se num eterno devir.



Para a atriz Fernanda Montenegro, em aula inaugural da Casa das Artes de Laranjeiras – CAL, “a posteridade não nos conhecerá” (1983), isso porque o momentâneo do teatro é susceptível ao esquecimento, é como uma flor ao ser comparada com montes ou oceanos, por mais bela que seja, ainda está ameaçada da próxima desapareção, como exemplifica a personagem Geógrafo no livro *O Pequeno Príncipe* ([1943] 2009, p. 54).

Todos aqueles que leem a história do Príncipezinho, seja durante a infância ou na vida adulta, têm uma experiência encantadora com o texto, ou com alguma de suas inúmeras adaptações para o teatro. De todas as temáticas que o texto propõe, a mais patente, de permanência latente no imaginário de seu público, é a celebre passagem: “tu és eternamente responsável por aquilo que cativas”, dita pela personagem Raposa ([1943] 2009, p. 72). Em tempos pandêmicos, mediado pela efemeridade das redes sociais e pela liquidez das relações, o teatro depara-se com seu maior desafio: cativar.

Em um mar revolto com mais perguntas do que respostas, na busca incessante por cativar, os profissionais do teatro se perguntam: o que hoje não é efêmero? O que se faz para cativar alguém? O meu trabalho como ator/atriz pode ir além do efêmero? Diante desses questionamentos, tal qual com o *Pequeno Príncipe*, instaura-se uma crise no fazer profissional, ao se descobrir que uma das maiores dedicações de uma vida, o trabalho, pode não chegar à posteridade.

Na busca por compreender a liquidez de nossas relações, encontramos no livro *Modernidade Líquida* (2001), do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, conceitos que nos levam a entender a ânsia pelo movimento e pela ação existente na modernidade. Líquidos como os rios, buscamos nos entender em meio a incerteza de um futuro e queremos as respostas imediatamente, mesmo quando as perguntas mudam a cada instante.

Um aspecto dessa modernidade líquida é a constante incerteza de futuro e a sensação de que tudo está a desmoronar e, no cenário atual – no qual a pandemia da Covid-19, causada pelo Coronavírus (SarsCov-2), toma proporções assustadoras –, a ideia de um futuro promissor, às vezes, parece não passar da miragem de um oásis em meio ao deserto. Na liquidez, nada é feito para durar e as medidas de isolamento social serviram como uma lupa de aumento para auxiliar na compreensão da fragilidade de nossas relações e afetos.

Entretanto, embora a teoria de Bauman seja, em geral, tomada de forma apocalíptica; a liquidez não pode ser tratada apenas como instabilidade. É possível também interpretá-la como



movimento, desvio e habilidade de adaptação, como os rios que se unem a caminho do mar. E é sobre ambos os aspectos que esse ensaio pretende tratar, como uma arte efêmera se adapta em tempos de crise, em meio aos desafios de uma sociedade líquida.

Na imersão no universo dos Pequenos Príncipes, o de Saint-Exupéry ([1943] 2009) e o de Rodrigo França (2020), as histórias infantis nos dão um ponto de partida. Mais que qualquer coisa, esse ensaio se propõe a pensar as jiboias abertas e fechadas ([1943] 2015, p. 08) que, enquanto profissionais do teatro, desenhamos, ao longo dos anos, imaginando serem chapéis e a todas as sementes de baobás (2020, p. 07) que plantamos por aí.

Isto é, embora as jiboias possam ser apenas cobras e não chapéis, os profissionais do teatro seguem a imaginar e a criar; e mesmo que as flores da baobá, cujas sementes podem levar anos para germinar, só possam ser colhidas pelas próximas gerações, os profissionais do teatro seguem a produzir e a trabalhar.

UM POUSO FORÇADO NO DESERTO

O início da pandemia foi como uma pane na existência humana, que nos deixou em um deserto de incertezas, estávamos perdidos no desconhecido. Enquanto o resto do mundo parecia decidido a encarar o conserto, o Estado brasileiro estava disposto a sabotar o enfrentamento da pandemia utilizando, para isso, sua própria população como ferramenta de manutenção da crise.

É preciso, antes de falar dessa situação, entender o lugar de onde decolamos. Muito antes das correntes de ar soprarem novos problemas, muitas coisas já nos atormentavam dentro de nossa redoma. Descrentes do meio político, os eleitores foram às urnas destinados a escolher o menor entre os males, colocando no poder um “Rei” sem súditos, que gosta muito de mandar e pouco de fazer, como os Reis encontrados nos itinerários de nossos dois Príncipes literários.

A decisão de muitos eleitores pelo quietismo auxiliou a chegada do “Rei” ao poder. Na obra *Babel: Entre a Incerteza e a Esperança* (2016), um livro que transcreve conversas de Bauman com o jornalista italiano Ézio Mauro, os interlocutores fazem contribuições assertivas sobre governos e o constante questionamento sobre segurança e liberdade. Descrentes das promessas eleitorais e



cansados de discussões políticas sobre polarização, parte da população opta pelo quietismo, sem perceber que não escolher um lado é sempre estar do lado de alguém.

Posto sobre o comando de uma nação, esse “Rei” deveria trabalhar para a manutenção do bem-estar e da segurança dela, uma vez que “o propósito de ter governo é estar seguro” (2016, p. 14), como diz Bauman. A população se abstém de parte de sua liberdade e espera do governo a sua segurança. No entanto, a forma como isso acontece, em nossa sociedade, é pendular. Quanto mais segurança menos liberdade, e o inverso também se aplica, nos deixando sempre em uma balança que não se nivela.

Nesse processo de controle da pandemia, muitas medidas são tomadas para nossa segurança, precisamos, com isso, doar um pouco de nossa liberdade. As regras de distanciamento social, a utilização de máscaras e de álcool em gel foram consideradas, e ainda são, a melhor e única maneira de proteção contra a pandemia da Covid-19 na ausência de uma vacinação em massa. Entretanto, o “Rei” vigente não gosta que ordenem em seu planeta e, ainda que a população esteja disposta a doar sua liberdade, ele não parece querer cumprir a sua parte.

Com a instabilidade vivida em tempos de pandemia, muitos setores começaram a ruir, pequenos planetas que orbitavam a nossa volta passaram a desaparecer e, entre estes, os artistas; separados dos palcos, pareciam orbitar fora da gravidade. O público forma parte igualmente importante na tríade do teatro – profissionais, palco e público –, sem público não há motivos para o *show* continuar. O efêmero é a essência do fazer teatral, mas, sempre que partíamos, tínhamos a certeza da volta, hoje não mais.

Contudo, no Brasil, o projeto de afastar o público dos profissionais das artes e de afastar estes dos palcos, parece anteceder a pandemia. O governo atual sempre buscou dificultar o acesso à arte para todas as camadas da população. Entre as medidas mais preocupantes estão o desmonte do Ministério da Cultura, diluído e anexado à pasta do Turismo; os constantes ataques às entidades e aos representantes da Cultura, demonizados e taxados com a pecha de parasitas da Lei Rouanet (Lei de Incentivo à Cultura); além de uma negligência com programas vigentes, como a detratada Lei de Incentivo à Cultura (8.313/91), os Pontos de Cultura e outros meios responsáveis para o fomento das artes em nosso país.

Destroçados, no deserto e já cansados de esperar o concerto de nossas estruturas sociais,



partimos em busca de água, temos sede. É essa necessidade de saciar a falta de arte que fez a classe artística se adaptar, saindo dos palcos, das ruas, das escolas e partindo para o mundo *online*. Demos início a uma nova forma de produzir e apresentar nossa arte, falta o corpo a corpo, mas, ao menos, mantêm-se, no plano virtual, o encontro da tríade teatral: profissionais das artes, palco e público.

Embora as produções virtuais aumentassem, a receita monetária diminuiu e muitos artistas começaram a sentir o peso das grandes cortinas fechadas. Fez-se necessário uma intervenção do Estado para a manutenção da produção artística e cultural do país, assim como para a sobrevivência de equipamentos culturais e de fazedores de cultura.

O grande “Rei” nunca foi favorável ao fomento às artes, mas, felizmente, no planeta da política, ele não pode governar sozinho e, com isso, a Câmara dos Deputados se fez presente ao aprovar o projeto de Lei de Emergência Cultural, batizada de Lei Aldir Blanc (14.017/20). Durante a pandemia da Covid-19, já existia no país um Auxílio Emergencial para trabalhadores informais e para aqueles em situação socioeconômica mais vulnerável, o que nos permite dizer que a Lei Aldir Blanc chegou com atraso.

A Lei Aldir Blanc é um projeto de lei (PL 1075/20), da deputada Benedita da Silva (PT-RJ), e teve sua aprovação com o texto substitutivo da deputada Jandira Feghali (PCdoB-RJ), ela também sugeriu o nome do artista homenageado para batizar a lei. O cantor e compositor, infelizmente, tornou-se mais uma vítima da Covid-19. A Lei garantiu a aplicação de R\$ 3 bilhões de reais, oriundos do Fundo Nacional de Cultura (FNC), para uma renda emergencial dada a trabalhadores de cultura e, também, para a manutenção de espaços culturais.

Estados e municípios acordaram a divisão de cada um dos três incisos presentes na Lei, buscando assim alcançar o maior número de artistas. O primeiro inciso, com referência ao pagamento da renda emergencial, ficou sob responsabilidade dos estados; já o segundo, cujos alvos são os espaços e entidades culturais, é responsabilidade dos municípios; o terceiro, por prever a elaboração dos editais, é de responsabilidade de ambos.

A concessão desses benefícios foi possibilitada pelo cadastramento desses artistas em plataformas digitais disponibilizadas pelos estados e municípios, isso traz outro ponto positivo da Lei Aldir Blanc para o país, pois foi possível, assim, produzir um arquivo com trabalhadores culturais espalhados por todo o mapa. Esse arquivo pode vir a ser um material de grande importância para



próximas iniciativas no meio cultural.

Dessa forma, muitos municípios tiveram a oportunidade de receber uma verba direcionada unicamente para o setor cultural. Infelizmente, é comum que as prefeituras não possuam uma secretaria exclusiva para a cultura, e sim um departamento vinculado a uma secretaria maior, em geral, a Secretaria de Educação. Essa prática dificulta as ações, uma vez que o dinheiro é dividido entre vários departamentos.

Os projetos contemplados pela Lei começaram a ganhar espaço nas redes, a diversidade presente nas propostas fora importante para cativar o maior público possível e, com isso, essas ações não só auxiliaram os artistas como também tornaram mais palatável a longa espera pelo fim da pandemia. As produções, muitas vezes, tinham cunho educativo e buscavam incentivar o uso de máscara e o isolamento social, além de cumprir o papel de divulgação científica de forma lúdica.

Embora tenhamos encontrado um oásis, a sede parece insaciável. Vamos nos moldando ao que nos é possível, caminhando entre as dunas de areia e todas essas iniciativas mais parecem com o veneno da serpente ([1943] 2015, p. 60), que nos fará sofrer menos em nossa viagem de volta para nosso planeta, nosso palco.

O QUE NOS AFETA, NOS CATIVA

Quando estamos nos palcos, nunca sabemos; ao certo, se estamos cativando ou sendo cativados, talvez ambas as coisas, pois, para fazer um laço, precisamos das duas pontas de uma fita e é certo que com as relações humanas não deve ser diferente. No mundo *online*, captar a atenção das pessoas é muito difícil; enquanto tentamos fazer laços, elas querem cortar as fitas, é preciso tempo para construir as coisas, talvez por isso as coisas sejam tão breves na modernidade, o que se é possível construir sobre um mar de incertezas?

Há uma força que nos faz visualizar se é possível nos tornarmos um entre milhares, se conseguimos fazer as pessoas sentirem um frio na barriga apenas com a ânsia de nossa chegada e, assim, criarmos uma necessidade mútua; nunca saciada, como aprendemos em *O Pequeno Príncipe Preto* (2020, p. 19). Há essa sensação de quando os rios se unem e a nossa liquidez se torna densa o



bastante para sustentar as nossas crenças e nos levar a persistirmos naquilo, porque sabemos que somos “nós por nós”.

A vontade insaciável de produzir e dividir com o nosso público, o “nós por nós” que nos afeta, é o *Ubuntu* (2020, p. 25). Foi esse sistema humanístico, de solidariedade e cooperação, que guiou o “Grupo Culturart”¹ a realizar produções para serem postadas nos meios virtuais. A semente de pequenas sementes de baobás e de flores. As flores brotaram rápido e acalentaram o nosso público no agora; contudo, morrerão rápido também, mas são importantes enquanto existirem. Já a baobá germinará no seu tempo e será a promessa de volta aos palcos.

Mas como adaptariamos nossas produções para o acesso *online*? Queríamos utilizar nossa arte como ferramenta de informação, sobretudo para as crianças. Buscamos, com ludicidade, explicar a confusão que nosso planeta estava enfrentando naquele momento. Fizemos da arte uma redoma para que as crianças pudessem se sentir seguras em meio a tantas correntes de ar e cepas de vírus.

As produções começaram antes das iniciativas da Lei Aldir Blanc, tínhamos pressa e nosso público também. Começamos, ainda que receosos, com projetos que envolviam o grupo todo, realizamos festivais virtuais de música e dança, criamos pequenas séries educacionais para as crianças, assim como vídeos com alternativas de brincadeiras em casa.

Todavia, com a crescente de casos, o medo invadiu a todos e decidimos reduzir ao máximo nossa equipe. Assim surgiram as personagens Lily e Tuca, duas contadoras de histórias interpretadas pela atriz Adelma Regina, presidente do “Grupo Culturart”, e Mariah Castilho, atriz do grupo. Em nosso pequeno planeta, parecia só haver espaço para as duas e suas estórias, tão pequenas no universo da *internet*, que podíamos ser comparadas a poeira cósmica, mas as galáxias não são compostas de poeira cósmica?

A diferença entre os palcos e as telas surgiram bem no início de nossa jornada, eram solitárias

¹ Criado em meados da década de 1980, na cidade de Campo Formoso – BA. Desde 1990, está sob direção da atriz e diretora Irenilda Galvão. O “Grupo Culturart” é a principal referência de teatro para a população campo-formosense. Em sua trajetória, o grupo possui projetos importantes como “Seguindo os Passos da Arte” (Ponto de Cultura 2008 – 2013), “Acordes No Palco”, música e teatro a serviço da vida (2016 –), além da circulação do espetáculo “Brinquedos e brincadeiras” (Pontinhos de Cultura 2015) e oficinas gratuitas de teatro fornecidas pelo grupo. Todas as ações do grupo buscam proporcionar à cidade o acesso à cultura e à possibilidade de fazer teatro. O grupo busca levar o teatro para todos e, com isso, proporcionar “um novo ideal para todos”, assim como diz seu lema.



as perguntas sem respostas, os finais sem aplausos e a tela do celular mais parecia uma prisão do que uma alternativa. As redes sociais são um espaço difícil de se compreender; mesmo em meio a várias pessoas, sente-se sozinho grande parte do tempo. Assim como ambos os Príncipes contam em suas histórias sobre o planeta Terra, a liquidez das relações torna-se ainda mais acentuada nas redes sociais, é possível sentir-se sozinho mesmo entre os milhares de inscritos.

Nessa modernidade líquida existe pouca conversa, mas muita comunicação (2001, p. 153). O acesso a tudo se tornou mais fácil, no entanto esse não é o atributo que mais chama atenção. O ato de se conectar com uma pessoa só não é mais fácil do que o de se desconectar, as relações rápidas da *web* pareceram facilitar o processo de separação e de seleção do que queremos ver, impossibilitando a formação de novos afetos e laços. Essa facilidade de conectar e desconectar pessoas é chamada por Bauman de “amizade de Facebook” (2013).

Para Bauman, a comunidade é independente, pois não se afeta pela existência de um único ser, a humanidade já existia antes de nós – indivíduos –, e, quando nós já não estivermos aqui, essa comunidade permanecerá a existir. Porém, na rede mundial de computadores, somos responsáveis pelo que existe ou deixa de existir, tudo está a um clique de distância e temos um relativo controle sobre o que entra em nossa bolha. Com isso, pessoas se tornam-se números, amigos tornam-se seguidores, e é cada vez mais difícil ser apresentado a algo que esteja fora do nosso habitual, precisamente detectado pelo algoritmo. É preciso estarmos atentos.

As redes possuem um sistema de dualidade espantosa, mesmo com a capacidade de armazenar informações e criar arquivos de memória acessíveis a todos, também são responsáveis por intensificar a efemeridade das relações humanas. Os algoritmos das redes utilizam de critérios cronológicos para definir a importância das publicações, fazendo com que tudo que seja postado tenha um prazo de visibilidade muito curto.

Bauman, ao falar sobre os laços humanos, no livro *Modernidade Líquida* (2001), cita uma tendência das relações humanas, na modernidade, de serem vistas como produtos para consumo, o que dificulta ainda mais a feitura de laços. Isso porque o ato de consumir uma relação pode ser feito de modo unilateral, ao contrário do ato de produzir esses laços, que demanda cooperação mútua.

Por mais que, no mundo *offline*, a ideia de consumo de relações possa parecer difícil de compreender, nas redes esse processo é bem mais fácil de se visualizar. Ao avaliar as relações de



artistas e público nas redes, não existe uma construção nítida de relações, o artista posta e os internautas consomem. Em geral, não há relação entre as partes, não há uma troca, afetando negativamente o que poderia ser construído a partir do acesso daquelas pessoas a essas produções artísticas.

A sensação de troca mútua de afetos, presente no teatro feito corpo a corpo, transforma-se em algo solitário e medido apenas de maneira numérica, através da quantidade de curtidas, visualizações e demais interações rápidas, como comentários. Essas ações, no meio das redes, podem ser banalizadas, uma vez que não garantem uma real apreciação do público para com as produções artísticas.

A utilização desses números para qualificar essas produções torna-se injusta e até mesmo cruel, pois todos os inseridos nas redes estão, de alguma forma, tentando atrair a atenção dos internautas, o que dificulta a captação de um público. Com isso, apenas aqueles que já estavam inseridos como plateia, isto é, que já frequentavam habitualmente o teatro, serão alcançados por essas iniciativas.

Desaparecem também, nos meios virtuais, os ritos, quase imperceptíveis, no ato de ir assistir a uma peça de teatro. Esse rito começa na compra dos ingressos, então se tem que esperar o dia e horário. Se a peça está marcada para a noite, desde a tarde o sentimento de alegria preencherá o público e, então, quando as cortinas finalmente se abrirem, irão descobrir o valor da felicidade.

No entanto, a comodidade das redes não permite que o público se prepare para ser cativado. Como tudo está a um clique de distância, o encontro entre artista e plateia se torna monótono, nada parece ser capaz de diferenciar aquele espetáculo das outras milhares de coisas disponíveis na vastidão das redes. É preciso tempo para cativar alguém, as pessoas não têm mais tempo para produzir laços, pois já os encontram prontos em suas páginas de perfil.

A BAOBÁ NOS ENSINA

Presente em muitas culturas africanas, a Baobá é uma árvore sagrada, símbolo de ancestralidade, majestosa no seu tamanho e incomparável em seu significado. A árvore aparece em ambos os Pequenos Príncipes, mas tem significados diferentes em cada narrativa, contribuindo de



formas diferentes para a interpretação dos leitores sobre a baobá.

Em o *Pequeno Príncipe* ([1943] 2009), de Saint-Exupéry, a árvore é tratada como uma erva daninha, um perigo para as outras plantas e para o próprio planeta, por isso, remover as baobás é uma questão de disciplina, ação necessária e impossível de ser adiada: “Conheci um planeta habitado por um preguiçoso. Havia deixado três arbustos...” ([1943] 2015, p. 22). Tudo que cria raízes é difícil de se aceitar em um mundo no qual nada é feito para durar.

Já no *Pequeno Príncipe Preto* (2020), de Rodrigo França, que aborda questões de ancestralidade, a baobá ressurge na narrativa como é apresentada nas lendas da cultura africana, a grande princesa de seu planeta. Então, consciente da sabedoria que a árvore pode nos oferecer, o Príncipezinho Preto visita outros planetas a fim de plantar várias baobás e assim enraizar a esperança nos lugares que visita.

As visões opostas sobre a mesma árvore nos fazem refletir sobre algo muito incômodo no processo de criação artística, principalmente nesse tempo de pandemia, a produtividade. Assim como a baobá, representada de forma distinta nas duas narrativas, ela pode ser vista como algo bom ou ruim; conforme a narrativa que teçamos, em suma, o problema não é a produtividade em si, mas a forma como a modernidade a transforma em algo adoecedor.

Essa necessidade de estar sempre ativo e produzindo, sendo *on*, nos faz ver momentos de descanso como algo ruim e, muitas vezes, culposos. Em uma sociedade capitalista, tempo é dinheiro e um preço é atribuído ao lazer e à cultura; monetizados, o lazer e a cultura parecem moedas perdidas, e não um investimento imaterial para a manutenção de nosso bem-estar. Por conta desse motivo, nos condicionamos a antecipar o prazer pela realização de algo para, assim, nutrir nosso ego, por isso procrastinamos.

Bauman (2001, p. 152) traz a procrastinação como um efeito desse mundo líquido em que vivemos, é não deixar as coisas acontecerem em seu tempo e buscar uma satisfação imediata, por meio da tentativa de manipulação dos eventos. Uma busca por encurtar o percurso para a glória, mesmo com a consciência que se irá percorrê-lo de qualquer maneira. Um placebo para que não nos sintamos inúteis pela aparente demora de nossas realizações.

Na pandemia, muitas pessoas começaram a procurar atividades para realizar na segurança de seus lares, uma atividade que cresceu exponencialmente foi a construção de pequenos jardins,



infelizmente, com poucas ou nenhuma baobá. No processo de cultivo, timidamente, mais plantas chegam e cada uma tem seu tempo de florescer. Se uma folha tende a sair hoje, ela cumpre o seu destino e consegue que todas as coisas aconteçam em seu tempo certo. Aprende-se uma lição importante com as plantas: o significado da palavra temporão.

O processo de criação, como o de um plantio, começa com uma semente e, embora não saibamos, ao certo, o que pode florescer dali, plantamos. A espera é algo complicado, é necessário tempo para que uma semente comece a se desenvolver. O problema é quando o tempo da planta e o nosso parecem não passar na mesma velocidade: você rega, espera, observa, mas nada parece muito diferente. Plantas, assim como nós, são efêmeras, mas, no seu processo evolutivo, aprenderam algo que nos falta compreender: é preciso respeitar o tempo.

Ao comparar nossos processos com o dos outros, podemos estar, sem perceber, aguando demais nossas plantas. Matando-as com a nossa pressa ou, muitas vezes, com a nossa ingenuidade em acreditar que toda semente é igual. Nossos projetos, assim como as plantas, possuem características próprias e tempos diferentes. Alguns podem ser flores, que tendem a morrer e florescer várias vezes durante o ano; outros são baobás, que demoram muito tempo para brotar, mas permanecem muito mais que nós; outros, ainda, podem até mesmo ser ervas daninhas a atrapalharem nosso cultivo.

Mas o ser humano não é pequeno como os recentes jardins plantados na pandemia ou como os planetas dos príncipezinhos. Somos um solo fértil e imenso, capazes de abrigar vários planetas, cada um com inúmeras sementes. Assim, poderemos aprender com elas sobre o tempo, deixar as raízes se fixarem. Aprender também a deixá-las morrerem quando for sua hora, outras virão em seus lugares.

Há tempo para tudo na efemeridade de nossa existência, a liquidez de nossas relações não precisa ser agitada como o mar em um dia de ressaca, ela pode ser calma como um oásis. O aprendizado, a partir da compreensão de nossa liquidez, pode ser nossa força, pois toda vida precisa de um pouco de água para florescer.



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt (2013). **A amizade Facebook**. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=iwPj0qgvfIs>. Acesso em: 29 maio 2021.

BAUMAN, Zygmunt; MAURO, Ezio. **Babel: entre a incerteza e a esperança**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DE SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

GUIA fácil para Lei Aldir Blanc. **Siga Jandira**. Disponível em:

<https://sigajandira.com/leialdirblanc/>. Acesso em: 14 jun 2021.

GRUPO CULTURART. Disponível em: Link: <https://www.youtube.com/Culturart1>. Acesso em 26 jun 2020.

MONTENEGRO, Fernanda. **Aula inaugural de 1983 do CAL**. Disponível em: Link:

http://www.revistacal.com.br/rev-5/p_nacional.htm. Acesso em 23 de jun 2021